

A PROBLEMÁTICA DOS TERRITÓRIOS EM TRANSFORMAÇÃO: URBANO OU RURAL, ONDE ESTAMOS?

Autoras¹
Vanira Matos Pessoa
Raquel Maria Rigotto

RESUMO

Este estudo versa sobre o processo de transformação vivido na contemporaneidade, em que há o uso dos bens naturais de forma exaustiva, onde a interface urbana e rural está presente como contínuos complexos, entrelaçados por teias de relações sociais e, em meio a toda essa problemática há a dimensão da saúde humana. Nessa perspectiva, é no território que se materializam e imperam os (des)mandos fomentados pelo modelo de desenvolvimento econômico que (des)organiza a vida comunitária e promove alterações no modo de vida. Assim há que se indagar sobre a eficácia, efetividade e eficiência da política pública de saúde na promoção e proteção da vida. Buscamos evidenciar as implicações do processo em curso na Chapada do Apodi-Ceará-Brasil sobre a saúde ambiental e dos trabalhadores e de que forma o Sistema Único de Saúde (SUS) tem se apropriado de tais questões. No intuito de favorecer a visibilidade dos processos ocultos na dinâmica comunitária optamos pela pesquisa-ação. Constituímos um grupo com 14 atores representantes do(s): conselho municipal de saúde, movimentos sociais, trabalhadores da agricultura; usuário do SUS, associação dos trabalhadores da agricultura, profissionais do SUS, vereadores e professores. O grupo reuniu-se no período de quatro meses, com 44 horas de discussão sistemática e reflexiva sobre os processos vividos no âmbito local. Os momentos foram: Leitura da realidade constituída de: relato da trajetória de vida e do contexto sócio-histórico, político e cultural do lugar

¹ **Enfermeira, Mestre em Saúde Pública, integrante do Núcleo TRAMAS/UFC/CNPq.**

Médica, Doutora em Sociologia, prof^a adjunta e coordenadora do Núcleo Tramas/UFC.

realizado por um ancião, representante da história viva do lugar e apresentação da história, feita por um professor da escola local; feitura do mapa social do lugar representando a dinâmica da vida comunitária, levantamento da problemática vivida pela comunidade; construção do mapa do trabalho caracterizando os processos produtivos e os trabalhadores envolvidos em toda ocupação existente; elaboração do mapa ambiental analisando o contexto de transformação ambiental e as repercussões a saúde humana. Problematização, questionamentos sobre aspectos relacionados à saúde-ambiente-trabalho realizada após a construção de cada mapa, no momento que o grupo apresentava seus trabalhos, suas idéias e percepções. Os resultados deste processo propiciaram o diálogo e a reflexão crítica dos sujeitos sociais, promoveram a (re)significação do contexto e o (re)conhecimento do território, possibilitando a interpretação e aproximação dos sujeitos com as questões de interesse comunitário. Evidenciou que a (des)organização da vida comunitária é provocada de forma nebulosa por agentes representativos dos interesses mercadológicos, que envolvem as pessoas sem serem envolvidos, ou sequer conhecidos, que exploram a terra, a água, o ar e as pessoas como meios de sobreviver e obter lucros, marcando uma relação geradora de adoecimentos/ sofrimentos. Elencou-se que os problemas emergidos são complexos e perpassam pela inserção das drogas junto aos escolares, prostituição de jovens, contaminação ambiental e alimentar por agrotóxicos, “êxodo urbano-rural”, mudança cultural dos jovens levando a desvalorização da educação, pois não é necessário estudar para ser trabalhador rural do agronegócio. Diagnosticou-se a incipiência da política de saúde no enfrentamento dos problemas, fragilidade do poder público na fiscalização e apoio as comunidades diante do modelo de desenvolvimento econômico que se apodera e usa indiscriminadamente o território.

Tecendo um pensar sobre as transformações na *saúde-ambiente-trabalho* no sertão cearense

A concepção e compreensão de território que nos embasa perpassa pelo entendimento de Santos (2008) Akerman (2005) e Carvalho (2005), que destacam que nas cidades, o lugar, o chão das relações entre as pessoas, o espaço vivo e dinâmico da vida e da cidadania, onde se concretizam as relações de cooperação e de poder constitui-se em distintos territórios, onde se materializam de forma concreta as condições de vida das populações e a presença ou ausência da ação pública. Os autores consideram que esses territórios não são estáticos, nem se bastam por si só, são interdependentes em relação a outros territórios, conectados entre si e com a história de cada cidade.

Nesse sentido, Augusto & Moises (2009) relatam a importância para a saúde pública utilizar o conceito de *território socialmente construído*. Ou seja, as inter-relações que se dão entre o trabalho/ambiente e as implicações na saúde humana estão situadas em um território que comunga de valores sócio-históricos. Perceber essas questões relacionadas ao modelo de desenvolvimento econômico é um desafio para a saúde pública no nosso país.

A tríade saúde, território/ambiente e desenvolvimento formam uma conexão que deve ser contemplada pela saúde pública ao introduzir o conceito de território/ambiente socialmente construído, no qual se considera todo o conjunto de componentes materiais, paisagens e seres vivos em profunda inter-relação. (AUGUSTO; MOISES, 2009, p. 23)

O estado do Ceará está situado no nordeste do país, com a quarta extensão territorial da região Nordeste e é o 17º entre os estados brasileiros em termos de superfície territorial sendo composto por 184 municípios apresentando como vegetação predominante a caatinga e 92% do clima semi-árido. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)² a população estimada, em 2007, corresponde a 8.185.286 habitantes, com uma densidade demográfica (2000) de 50,91 hab/ km² e uma taxa de urbanização

² Acesso em 23 de setembro de 2008, as 13:26 h. <http://www.ibge.com.br/estadosat/perfil.php?sigla=ce>

(2000) de 74,5%. Para o Instituto de Pesquisa do Ceará (IPECE)³ o produto Interno Bruto (PIB) está calculado em mais de R\$ 45 bilhões de reais, sendo também a segunda maior economia da Região Nordeste do Brasil. (Anuário Estatístico do Ceará, 2007).

Consideramos que ao longo dos anos a trajetória de saúde do povo cearense esteve relacionada a questões ambientais, principalmente na relação estabelecida entre a população e as secas que assolaram os solos cearenses, dizimando populações e contribuindo para diversos processos migratórios intra e inter-estadual, como bem descrito por este cearense nas estrofes do poema que segue.

Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: "isso é castigo
não chove mais não"
Ai, ai, ai, ai
(Trecho do poema Triste Partida do Patativa do Assaré)

A convivência do sertanejo com o semi-árido encontra-se muito bem relatada na literatura cearense, na música, na religiosidade, nos cordéis que expressam o envolvimento do povo cearense com a natureza.

A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se alembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiador
Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza
Sentindo a chuva
Eu me arrescordo de Rosinha
A linda flor

³ Acesso em 20 de abril de 2009, às 13h 07min
<http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2007/qualidade/saude>.

Do meu sertão pernambucano
E se a safra
Não atrapaiá meus pranos
Que que há, o seu vigário
Vou casar no fim do ano.
(A volta da asa branca – Luís Gonzaga)

A relação saúde-ambiente no Ceará sempre foi permeada de mudanças e na contemporaneidade esta relação tem experienciado profundas transformações que estão sendo intensificadas pelo fomento a novos empreendimentos, que visam o desenvolvimento econômico pautado na agenda de interesses do capital e apoiado pelo Estado. Rigotto (2004) em sua tese de doutorado falando sobre o desenvolvimento do semi-árido evidencia que:

Desde os anos 60, o incentivo à industrialização tem sido uma vertente importante dos Planos de Governo no Ceará. Mais uma vez, a indústria é colocada como caminho para o desenvolvimento, justificada aqui pela necessidade de geração de emprego e também por ser atividade menos vulnerável aos limites impostos pelo semi-árido. (RIGOTTO, 2004, p. 205)

Essa compreensão do desenvolvimento econômico gerando melhoria da qualidade de vida para o sertão tem se feito presente, principalmente nas últimas décadas, como uma ferramenta estatal para propiciar o desenvolvimento do sertão. Segundo (Castoriadis, 1976, *apud* Rigotto, 2004, p. 77) o desenvolvimento é

[...] a progressão em direção à maturidade, à capacidade de crescer sem fim, colocada como norma natural, tendo como postulados a racionalidade dos mecanismos econômicos, a concepção de que o homem e a sociedade estão naturalmente predestinados ao progresso e ao crescimento, a onipotência virtual da técnica, a ilusão assintótica relativa ao conhecimento científico.

Alguns autores, teorizando sobre o tema na atualidade apontam as crises desse modelo de desenvolvimento capitalista que se apresenta de forma global, repercutindo em todas as formações econômico-sociais, com impactos sobre a qualidade de vida e do ambiente com conseqüentes repercussões à saúde humana (SABROZA, 1992). Este tema tem sido amplamente debatido e a saúde pública dá passos no sentido de compreender as implicações à saúde advindas desse processo, principalmente os intelectuais dos campos da saúde ambiental e do trabalhador tem avançado no debate teórico sobre o

desenvolvimento capitalista e os impactos no modo de vida e à saúde da população brasileira.

O modelo de desenvolvimento sob o qual estamos vivendo condiciona as relações sociais e econômicas e acentua os riscos para a saúde e o ambiente. A maior implicação desses fatos é o processo de intensa degradação ambiental vivenciado por nós, o qual tem conseqüências diretas sobre as condições de saúde das populações e a qualidade da vida. (AUGUSTO; MOISES, 2009, p. 22)

Para estes autores, o Brasil apresenta uma extraordinária biodiversidade e possui um enorme potencial instalado para desenvolver ações integradas em relação à questão ambiental, no entanto destacam que do ponto de vista programático esta discussão ainda não tem sido priorizada conforme a necessidade apresentada no atual contexto do país, e inferem que a forma de atuação tem demonstrado processos contraditórios, opondo políticas públicas entre si. Os autores aprofundam a discussão sobre desenvolvimento sinalizando que há que reconhecer as necessidades de mudança deste modelo de desenvolvimento das sociedades atuais com o compromisso de proteger os ambientes e a saúde das populações (AUGUSTO; MOISES, 2009).

Pelo exposto, compreendemos que transcorridas algumas décadas, em que muito se construiu e muito se destruiu nessa busca incansável do desenvolvimento, há ainda muito que avançarmos em relação à saúde-ambiente-trabalho no Ceará e no Brasil.

Como seres socialmente construídos estamos inseridos dentro de um modelo de produção mecanizado, que se põe como o senhor da vida cerceando a liberdade da bordadeira, da rendeira, do pescador, do agricultor, do lavrador de utilizarem as mãos, a criatividade, a inteligência na feitura do seu trabalho. Isso nos provoca uma reflexão: como garantir a vida potencializando o desenvolvimento humano no sertão, o desabrochar da natureza por meio do canto da asa branca e não do ronco barulhento dos motores?

Até aqui temos apresentado que a relação do cearense, notadamente da população do sertão com o trabalho tem peculiaridades diretamente imbricadas com o ambiente em que vive a população. No sertão até a década de 1980, se vivia da pecuária (criação de gado e produção de

carne por pequenos proprietários rurais) e da agricultura de subsistência, em que se produzia o arroz, milho, feijão, mandioca, cultivados nos períodos de chuva, e da produção de algodão. Esse cenário mudou bastante nos últimos anos. Hoje o Estado tem fortes atrativos turísticos, contando com mais de dois milhões de visitantes por ano e tem no setor de serviços o maior percentual (70,91%) da riqueza gerada no Ceará, seguido do setor industrial que gera 23,07% e da agropecuária com 6,02%. (Anuário Estatístico do Ceará, 2007).

Percebemos que o trabalho, ou o modo de produção de hoje é bem diferente de outrora. O Estado é considerado urbano, tendo em vista que das mais de oito milhões de pessoas que vivem no Ceará, 75% delas vivem em áreas urbanas, sendo isso um indicador das transformações decorrentes do modelo de desenvolvimento.

Portanto é essencial compreender os impactos sócio-culturais e ambientais decorrentes desse processo de urbanização e crescimento econômico, mediado por um modelo de produção com vistas a obtenção de lucros, que impõe transformações aos territórios com repercussões sobre a saúde da população.

Agronegócio e as transformações no território e modo de vida das comunidades: alguns recortes do processo de desterritorialização sertaneja na Chapada do Apodi-CE

Este estudo foi realizado em um município situado na mesorregião do Baixo Jaguaribe, compreendendo a região da Chapada do Apodi, denominado Quixeré, onde há plantações de fruticultura irrigada produzida por empresas estrangeiras com a finalidade de exportar para o mercado europeu.

Em relação à área cultivada e o tipo de cultivo Costa (2006) refere que a Chapada do Apodi, principalmente nos municípios de Limoeiro do Norte e Quixeré situa-se no cenário das transformações da base técnica das atividades agrícolas do Baixo Jaguaribe. Segundo a autora no final da década de 1990, foi incorporada a agricultura mecanizada, ocorrendo no espaço agrário de Quixeré, principalmente no distrito de Lagoinha uma nova configuração socioespacial reveladora da fragmentação desse espaço.

Descreve que encontramos em Quixeré a planície aluvial com uma grande percentagem de pequenas propriedades, na sua maioria com base nas relações não capitalistas de produção, a exemplo do trabalho familiar e a *Chapada do Apodi com atividade agrícola empresarial e predomínio das relações capitalistas de produção, o trabalho assalariado agrícola* (COSTA, 2006, p.30).

Necessariamente pensar em trabalho requer o diálogo com as formas hegemônicas de produzir, que no caso brasileiro tende-se adoção do país como fornecedor global de *commodities*⁴. Considerando essa perspectiva desenvolvimentista capitalista o Estado do Ceará tem adotado o modelo nacional e estimulado a acelerada expansão do agronegócio, centrado na monocultura e fruticultura irrigada para a exportação, ou seja, um modelo agro-exportador que gera repercussões sobre a produção e o preço dos alimentos associados à exploração do trabalho, promovendo impactos à saúde humana já ocasionando mortes, lesões osteomusculares e intoxicações por agrotóxicos.

Essas questões estão sendo vividas pelas comunidades da microrregião do Baixo Vale do Jaguaribe no seio da chapada do Apodi composta de 11 municípios. Sobre esse território Rigotto *et al* (2008) referem que nas últimas décadas vem se instalando na região, principalmente dos anos 1990 para cá algumas médias e grandes empresas agrícolas associadas ao agronegócio da fruticultura, que vem conduzindo uma forte expansão da área agrícola da Chapada. Estas empresas produzem banana, abacaxi, melão e mamão destinados especialmente ao mercado europeu.

Os autores destacam que juntamente com a

[...] racionalização do espaço agrícola, instala-se uma nova dinâmica, seja no tocante as relações de trabalho, com significativa difusão do mercado de trabalho agrícola formal, seja quanto a dinâmica do mercado de terras, cujo preço vem crescendo geometricamente desde sua chegada (RIGOTTO, *et al*, 2008, p.13)

⁴ Commodities são produtos de origem mineral ou vegetal, geralmente em estado bruto ou com pouco beneficiamento, produzidos em massa e com características homogêneas, independente de sua origem. Seu preço normalmente é definido pela demanda, e não pelo produtor. Alguns exemplos são:soja, café, açúcar, ferro e alumínio.

Nesse contexto caracterizado pela modernização agrícola em curso no Baixo Jaguaribe há mudança no processo produtivo promovendo retração da agricultura familiar e expansão do mercado de trabalho formal no campo, que precisa ser conhecido e debatido pela política de saúde, pois também promove alterações no estado de saúde dos trabalhadores e moradores.

As transformações se dão de forma intensa nos territórios. Os agravos a saúde humana perpassam pela violência, drogas até intoxicações por agrotóxicos. Dentre as diversas recomendações para aumentar a produção temos o uso dos venenos em que se utilizam várias técnicas dentre elas a pulverização aérea, em que o contato/exposição ao veneno se dá em dimensões catastróficas para o ambiente e a saúde da população.

[...] engravidei trabalhando, com nove meses foi que eu parei de trabalhar para tirar a licença e eu tive ameaça de aborto como muitas outras colegas minha tem [...] maioria delas sofrem ameaça de aborto por conta desses produtos fortes [...] vi mulher desmaiando porque não agüenta o cheiro, e é qualquer um que desmaia [...] por que não tem proteção.(grupo de pesquisa)

À luz dessas questões emergem muitos desafios, que especialmente em relação à política de saúde demonstram quão despreparado ainda está o SUS no enfrentamento da problemática relacionada à saúde ambiental e do trabalhador. Em relação ao enfrentamento aos agravos a saúde humana relacionáveis a utilização de agrotóxicos são citados algumas dificuldades por Rigotto *et al* (2008, p. 17)

Seja por limitações do conhecimento disponível sobre a ampla gama de princípios ativos já em uso; seja pela escassez de indicadores biológicos de exposição ou efeito; seja pelas dificuldades do sistema de saúde em implantar programas e ações voltados para o diagnóstico destes agravos, correlacionando-os com quadros clínicos sugestivos de intoxicação e notificá-los adequadamente; seja pelas limitações da formação e das práticas dos profissionais de saúde nestes temas; seja pela pouca informação a que tem acesso o pequeno produtor e trabalhador, ou pelo descrédito que alguns vão construindo em relação ao sistema público de saúde.

Essa é a problemática em que estamos inseridos, sendo necessário um olhar sobre a complexidade do território e desvelar os problemas e soluções em parceria com o SUS local e com os movimentos sociais, na

tentativa de traçar estratégias que viabilizem a implantação das políticas de saúde ambiental e do trabalhador na Atenção Primária à Saúde.

Os desafios que se colocam para o SUS no cerne da prática laboral perpassam por questões sociais, econômicas, culturais, ideológicas e, sobretudo, encontram-se em contradições dentro da própria forma do Estado de promover o desenvolvimento, que tem como base um modelo segregador e violento. Portanto, é imprescindível analisar a integralidade da atenção em saúde no SUS sem perder de vista questões cruciais para a saúde, que é o caso do desenvolvimento econômico brasileiro.

Esse processo de intensificação do agronegócio tem transformado os problemas de saúde no campo, já que promove o crescimento das periferias nas pequenas cidades/distritos, expulsão dos camponeses por meio da perda da terra, transformando-os em proletários e a geração de diversos problemas de saúde, que são pouco abordados pelo setor como as doenças ocupacionais, além dos problemas sócio-ambientais.

Há estudos que evidenciam uma diversidade de problemas que precisam ser compreendidos no processo de urbanização acelerada e sua relação com a saúde como destacam Santos e Câmara (2002, p. 200)

[...] no ambiente, os processos de produção, de desenvolvimento social e econômico, interferem nas relações que se desenvolvem nos ecossistemas, ao determinar e contribuir para a existência de condições ou situações de risco que influenciam o padrão e os níveis de saúde das populações, que sofrem alterações no seu perfil de morbi-mortalidade, a partir de diferentes fontes e modalidades de poluição (acumulação dos elementos abióticos causadores de agravos) de contaminação (presença de agentes biológicos de doenças), e de maneiras de constituição de dinâmicas ambientais que possibilitem a liberação descontrolada de formas específicas de energia.

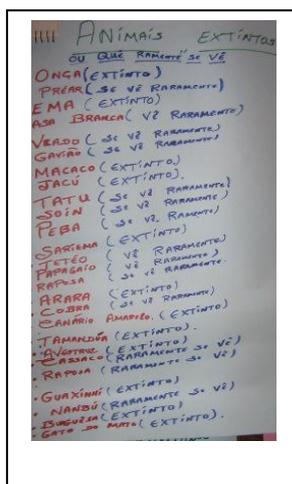
Rigotto e Augusto (2007, p. 480) alertam para o

[...] reconhecimento das relações sistêmicas entre as políticas em curso e os efeitos sócio-ambientais que se observam a exemplo do aumento expressivo da morbi-mortalidade por causas externas decorrentes da violência, dos processos produtivos e pela pressão promovida para adoção de novos padrões de consumo.

Esses são desafios que têm como centralidade na resolução das questões, a nossa capacidade de articularmos práticas integradas e integrais em saúde. Nesse sentido a rapidez das transformações ocorridas no território local nos surpreende e aspectos fundamentais passam despercebidos, tais como a perda da liberdade de ir e vir, pois a terra passa a ser propriedade privada. Ou seja, os sertanejos perdem o contato com a natureza que se materializava na liberdade de andar, correr, brincar pelos campos sem medo, numa relação de convivência que gera prazer que é essencial para a saúde considerando o modo de vida rural.

[...] eu moro há 26 anos aqui na Lagoinha e já passei por várias mudanças, mas você percebe no dia-a-dia, mas quando você pára para fazer um mapa com as mudanças que houve no lugar que você mora, você, chega a ficar surpreso e vê o quanto de benefício trouxe, mas por outro lado quantos malefícios trouxe também! Quando as pessoas que tinha a liberdade de correr e brincar nos campos e hoje não tem mais essa liberdade. Hoje é tudo tomado de plantação! [...] você pára para analisar as mudanças, você fica surpresa [...] é aquele ditado: traz vantagens, mas também desvantagens para o seu município, para o lugar que você mora! (grupo de pesquisa)

Em Quixeré no distrito de Lagoinha, o grupo enumera profundas transformações no ecossistema, em uma análise, a partir do vivido e conhecido, relatam como se deu o processo de extinção de espécies vegetais e animais na Chapada do Apodi e de que forma isso tem contribuído para ‘minimizar’ ou ‘maximizar’ os efeitos a saúde humana.



[...] há animais extintos [...] pouco se ouve falar em: onça, emá, macaco, jacu, seriema, canário amarelo, avestruz, arara, guaxinim, burques, gato do mato, tamanduá. [...] são onze extintos! Não existem mais, [...] ou raramente se vê: preá, asa branca, [...] veado, gavião, tatu, soim, peba, tetéu, papagaio, raposa, cobra, cassaco, nambu.. Agora de animais que foram trazidos de fora: avestruz, pavão, ganso, macaco, canário belga, periquito australiano; praga: mosca branca que veio com o agronegócio, gafanhoto, minadora, formiga de roça porque são dois tipos de formiga, bicudo de algodão e lagarta. (grupo de pesquisa)

Vegetação extinta [...] pau d'arco, sabiá, mororó, e cedro e [...] raramente se vê: aroeira, emburana, catingueira, pau branco e mameleiro. As plantas que não existiam e foram trazidas de fora: ninho, palmeira, carambola, centaia, açaí, pêra, melão, abacaxi, uva, maçã, bananeira, tangerina e pimenta. (grupo de pesquisa)

Figura 01: Foto das tarjetas construídas pelo grupo de pesquisa ilustrando as transformações ambientais locais na Chapada do Apodi – Ceará, 2009.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Na fala citada abaixo podemos perceber que muitas espécies utilizadas como fontes de proteína na alimentação das pessoas do lugar há anos não mais existem e a chegada de outras espécies, como os vegetais, principalmente as frutas não enriqueceram a alimentação da população, pois não são consumidas pelos moradores da Lagoinha. O grupo compreende que a produção de alimentos gerou emprego para alguns, mas que para a população de uma forma geral essa plantação não se apresenta como uma alternativa alimentar, e, conseqüentemente não trouxe benefícios do ponto de vista da soberania alimentar.



[...] não tinha um monte de frutas, aí apareceu, poderia gerar uma riqueza na vida das pessoas em relação a [...] terem oportunidade de se alimentar de outras coisas, de outras vitaminas, [...] então [...] gerou emprego, mas não gerou o benefício de alimentação, porque está aqui (produzido em Lagoinha) o produto, mas ninguém está consumindo [...], então, não foi uma coisa tão boa para a população. (grupo de pesquisa)

Figura 02 – Foto das tarjetas construídas pelo grupo de pesquisa ilustrando as transformações ambientais locais na Chapada do Apodi – Ceará, 2009.

Fonte: Acervo da pesquisa.

Um problema emergente no distrito de Lagoinha, que pautou as discussões do grupo de forma intermitente, e, portanto, não pode deixar de ser entendido dentro da complexidade de relações do mundo do trabalho, foi a prostituição infanto-juvenil que acontece no tempo de vida da juventude, onde reina a beleza e o vigor da força de trabalho do jovem.

Quinze, quatorze, vinte, dezenove anos. Tem de quinze até trinta anos. De trinta acima não tem, só as donas dos bares. É adolescente, e é proibido, tem umas que [...] já tem outros filhos que a mãe cria e não sei quem, elas deixam na cidade, aí elas dizem [...] o meu documento ficou lá com mamãe que ela está cuidando dos meninos. É tanto prova que toda semana e a cada quinze dias elas vão na cidade delas deixar o dinheiro para o sustento dos filhos, a maioria. É complicadíssimo. [...] para fazer o exame lá no hospital tem que ter o documento e elas não tem documento [...] (grupo de pesquisa)

As conseqüências físicas, psíquicas e sociais esbarram na ausência de políticas públicas comprometidas com a preservação da vida humana. A

Paper apresentado ao VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, Porto de Galinhas, 2010

drogadição circula em diversos espaços comunitários, dentre eles as escolas, onde o público – alvo são as crianças. Para alguns participantes do grupo isso se constituiu numa descoberta dolorosa, pois se descortina a vulnerabilidade. Dos presentes, alguns são pais e mães de crianças que estão nas escolas locais, e, trazem o relato de como famílias que já foram vítimas das drogas reagiram a tal questão.

A necessidade de lidar com tais problemas, típicos de grandes centros urbanos, agora chegando ao mundo rural é uma realidade que chega e se impõe, e o que predomina é o desconhecimento de como enfrentar esses desafios, seja pelos professores, profissionais de saúde e famílias.

[...] vou sair triste daqui hoje porque, [...] essa questão de ter traficante na porta das escolas [...] eu até sabia que aqui rolava droga e alguma coisa, mas na parte dos prostíbulos. [...] para mim, isso é novo, eu acho que a escola com saúde [...] urgentemente ter que trabalhar a questão das drogas dentro das escolas[...] (grupo de pesquisa)

[...] ela (professora) já está ficando angustiada porque ela não sabe nem como lidar com esses meninos [...] (grupo de pesquisa)

[...] nós estamos vendo agora como é que está Lagoinha, essa prostituição, a droga que está entrando na escola, que até mesmo, a gente, tem um filho na escola, e até use tambémeu tenho filho também estudando a noite, aí a gente fica até com medo. (grupo de pesquisa)

Na alusão que o grupo faz a denominação do bar como sendo “bar familiar para não dizer que é prostíbulo” acreditamos que isso decorre da percepção de que o poder da palavra prostíbulo tem diante de uma comunidade sertaneja, com características culturais rurais e que tem que lidar com problemas advindos com o desenvolvimento. Então, para amenizar a rejeição cultural, rechaçando as donas dos bares e as prostitutas utiliza-se a terminologia familiar que promove agregação, como vimos em outra fala a família entendida como porto seguro, alguém que cuida.

Ela chama bar familiar para não dizer que é prostíbulo[...] tem mulher semi-nua, tem homem [...] família com adolescente, com criança para beber [...] (grupo de pesquisa)

A violência, a negação do direito infantil ao convívio familiar na cadeia da prostituição de jovens, é um panorama real em um distrito de um município pequeno do interior do estado. Isso nos leva a afirmar que os problemas rurais, hoje, não são tão diferentes nos contextos urbanos, como também estão os problemas locais relacionados aos globais, socializando-se e contemplando as comunidades rurais com questões de toda magnitude.

O desenvolvimento na região tem como mola mestra o agronegócio, onde se centra todo o investimento financeiro, e, este, caminha lado a lado com a desigualdade social. Soma-se a isso, como podemos identificar nas falas a prostituição infanto-juvenil sustentando crianças, que também, são vítimas da precariedade das políticas de proteção social.

Diante do contexto exposto que políticas públicas o Estado propõe que amparem as vítimas do mundo do trabalho - tão moderno e arcaico? Quais as benesses das transformações nos territórios em desenvolvimento e para quem?

[...] a violência é porque as mães deixam os filhos trancados só, ou deixa solto no meio da rua e as que trazem filho não tem quem cuide e elas saem fazendo os programas.....junto com as crianças e isso é uma violência, é horrorizante [...] (grupo de pesquisa)

Em outro momento faz-se referência as perdas que a comunidade tem sofrido, dentre elas, os espaços de lazer, pois estes foram convertidos em locais de manutenção de condições favoráveis a sustentação do agronegócio. Os trabalhadores precisam estar imersos em prazeres fugazes, que os destituam de sua capacidade de reflexão crítica e se cria um invólucro, onde se favorece a alienação dos trabalhadores e a subordinação da comunidade a esses anseios. Onde se transformam as práticas de convivência familiares, e, se propicia terreno fértil para a incorporação de novas práticas que garantam a manutenção do modelo atual.

[...] em 2008 [...] antigamente, você ia para aquela seresta e você ia brincar a noite todinha lá, tinha coisas ilícitas, porque onde tem gente cada um vive a sua vida do jeito que quer e faz o que quer, só que hoje [...] as mulheres casadas ficam em casa, não sei de algumas, mas a maioria é assim, e os maridos vão para os bares beber com as outras. (grupo de pesquisa)

Essa é uma pequena parte do todo, apenas um recorte, que pôde ser apreendido nesse processo de pesquisa-ação, mas que já explicita suficientemente a problemática local compreendendo-se a relação saúde-trabalho e que requer uma política pública efetiva.

A gente fala que na agricultura você está exposto ao sol, não sei o quê, agrotóxico, veneno! Sim! E, eu vou para que lugar, se não for trabalhar? Qual a minha perspectiva de vida? É complicado por que não tem mesmo, ou você está lá nas empresas morrendo com agrotóxico, no meio do sol sem uma proteção, exposto a tudo que é tipo de doença, ou você vai morrer de fome. [...] Eles mesmos (jovens) tem consciência dos problemas, só que, a gente vai para onde? Que outra situação? Ou vão trabalhar em empresa, ou vão para São Paulo, Rio de Janeiro, para aquelas empresas de construção civil e tal. (grupo de pesquisa)

É uma bola de neve que acaba englobando tudo: meio ambiente, saúde, educação, lazer, ação social, tudo! Então, tem que começar a fazer uma varredura de todos os problemas futuros (grupo de pesquisa)

A terra, maior bem pertencente à população para sobreviver passa a ser propriedade privada numa lógica de produção que incorpora diversos riscos a saúde. Com o progresso há uma reestruturação dos modos de vida, inclusive a segurança, condição valiosa para os camponeses perde-se neste processo, sem que, na mesma medida caminhem as políticas públicas nesse sentido. Desse modo o território e os problemas de saúde são modificados, e, os serviços de saúde precisam acompanhar essas mudanças e lidar com questões cada vez mais complexas.

[...] eu morava nas Queimadas, me lembro que era tudo muito calmo e hoje ninguém vive como vivia antes, [...] nós dormíamos com as portas abertas, podíamos deixar as bicicletas lá fora e a gente dormia tranqüilamente, e hoje ninguém dorme mais tranqüilo, mesmo com as portas fechadas, mas não dorme mais tranqüilo! (grupo de pesquisa)

Começou a ter outras coisas [...] que com o progresso vem! Porque é uma minoria que se preocupa em preservar o meio ambiente e os que não estão preocupados são muitos, envolvendo desde o governo municipal, estadual, federal, a preocupação é mínima! Por isso que o povo, por exemplo, que trabalha na firma, se preocupa em ganhar o dinheiro, ganhando o dinheiro deles não quer saber se vai prejudicar, o que causa a falta de ar, o que causa o câncer, ele não vai se preocupar. A preocupação é em ganhar o dinheiro, como o governo, a preocupação dele é saber se o Brasil está produzindo muito, se está sendo exportado muito [...] (grupo de pesquisa)

Na opinião expressa pelo grupo, existe a compreensão da necessidade de ação conjunta das políticas públicas, ou seja, dialoga com a idéia da ação intersetorial como potencial para o fomento à promoção da saúde, no enfrentamento da problemática apresentada, ao mesmo tempo, que refere as dificuldades de se operacionalizar tais aspectos no âmbito da saúde reconhecendo o potencial dos atores locais, quando diz: “ [...] tem que procurar quem está aqui dentro[...]”.

[...] todos os problemas [...] está interligado, tem tudo a ver com a saúde, a educação do povo, é uma coisa muito ligada [...], todos os problemas [...] tem a ver com a Secretaria de Saúde e tudo tem a ver com o Programa Saúde da Família, se é o problema de drogas nós temos que trabalhar as drogas, se é prostituição nós temos que trabalhar, se é gravidez na adolescência que, por exemplo, o nosso último dado agora, gravidez na adolescência acho que pelo Ministério da Saúde [...] preconizam até 10% [...] o nosso em setembro foi 33% de gestante menor de 20 anos, [...] são vários problemas [...] que a saúde [...] tem que fazer alguma coisa, mas [...] não é a saúde sozinha não, se eu não tiver educação [...] ação social, a gente tem que procurar quem está aqui dentro da Lagoinha que possa ajudar [...] (grupo de pesquisa)

O grupo destaca que há dificuldades na operacionalização das ações de saúde no local que não dialogam com o conceito ampliado de saúde, nem com o princípio constitucional do SUS, que é a universalidade. Nas falas do grupo de pesquisa percebemos que o setor saúde apresenta um fazer bastante fragilizado.

Aqui não tem vigilância à saúde do trabalhador. E nem do ambiente. [...] quando há um problema, por exemplo: ali tem uma criação de porco, mesmo no centro da cidade (Lagoinha) e que está com mau cheiro, aí foi comunicado a vigilância sanitária. [...] e tiveram acesso? Não, porque o proprietário não aceitou! (grupo de pesquisa)

Considerando a relevância da ocupação dos sertanejos, o manejo dos solos, das águas ao longo da trajetória do povo cearense, pesquisar a atenção a saúde dos trabalhadores, bem como o SUS tem se apropriado e promovido intervenções satisfatórias nesses territórios em transformações por processos de desenvolvimento/crescimento econômico sob a ótica da saúde ambiental é um desafio necessário, tanto para a Universidade quanto para o

Estado e, principalmente uma resposta para a população exposta a esse processo de reestruturação produtiva.

De que forma pode-se intervir nesse processo de forma salutar, é uma questão a ser respondida às crianças, adolescentes, trabalhadores e trabalhadoras, famílias, profissionais da saúde e educação, movimentos sociais. Percebe-se um clamor por isso. Os aspectos descritos aqui estariam elencados nos problemas historicamente atribuídos ao campo, ao espaço rural? Ou assemelham-se mais às características peculiares presentes nas periferias dos grandes centros urbanos?

Parece-nos que a forma como o agronegócio tem se apropriado do território local tem contribuído de forma efetiva para aproximar o campo das periferias, que a sobrevida deste modelo carrega em si a habilidade de ser co-produtor de iniquidades sociais por onde passa. Percebe-se que no rastro deste processo de geração de emprego vão se aniquilando e destruindo o que, teoricamente, representam os mais frágeis dentro da comunidade, que são as crianças e adolescentes.

Tem-se um tensionamento constante por uma perda da identidade cultural do camponês, de agente ativo produtor à agente submetido ao emprego, às regras do trabalho empresarial, acessando aqui de forma mais expressiva o componente consumo, propagado como uma necessidade humana nos tempos modernos. Tem-se, portanto a transformação das pessoas em força de trabalho e em mercado-consumidor, seja de drogas, seja de meios de transportes, equipamentos eletrônicos, dentre outros.

Esse processo é dito de outra forma por alguns autores, denominando-o de (des)territorialização, (re)territorialização, ou ainda (multi)territorialidade. Em relação a este último, Haesbaert (2005) destaca que

[...] o poder no seu sentido simbólico também precisa ser devidamente considerado em nossas concepções de território. É justamente por fazer uma separação demasiado rígida entre território como dominação (material) e território como apropriação (simbólica) que muitos ignoram a complexidade e a riqueza da "multiterritorialidade" em que estamos mergulhados. (p.10)

Considerando isso o autor aponta que precisamos compreender o conceito de multiterritorialidade e territórios-rede que são moldados no e pelo movimento, implicando no reconhecimento da importância estratégica do espaço e do território na dinâmica transformadora da sociedade (Haesbaert, 2005).

Para ele, faz-se necessário avançarmos no entendimento sobre o território para que possamos efetivamente propor ações que promovam mudanças singulares para a sociedade. Isso significa compreender o território, como espaço dominado e/ou apropriado e que se manifesta hoje, em um sentido multi-escalar e multidimensional, que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, de uma multiterritorialidade, sendo essencial trabalharmos com a multiplicidade de nossos territórios, com vistas a alcançarmos mudanças efetivamente inovadoras. (Haesbaert, 2005)

A partir disso o autor nos fala que:

[...] dentro das novas articulações espaciais em rede surgem territórios-rede flexíveis onde o que importa é ter acesso, ou aos meios que possibilitem a maior mobilidade física dentro da(s) rede(s), ou aos pontos de conexão que permitam “jogar” com as múltiplas modalidades de território existentes, criando a partir daí uma nova (multi)territorialidade. (Haesbaert, 2005, p. 14)

Desse modo os municípios situados no Baixo Vale do Jaguaribe vivenciam o processo de modernização agrícola desde meados da década de 1990, com a implantação das empresas do agronegócio, que promovem a desterritorialização. Nesse processo há conflitos e dificuldades na relação estabelecida com as comunidades locais no que se refere à inter-relação trabalho-ambiente-saúde.

Tais problemas podem ser elencados tanto no âmbito do Estado como do município e são totalmente vinculados à necessidade de ação da política de saúde. E o contexto urbano ou rural onde os problemas emergem tem como premissa a atuação integrada das políticas públicas, considerando o aumento da demanda de serviços e equipamentos sociais, principalmente do setor saúde; demandas decorrentes do fluxo migratório; dificuldades das famílias que sofreram danos materiais e emocionais com os processos de

desapropriações e fragilidade do controle social no enfrentamento dessa situação.

Dessa forma, é fundamental compreendermos a construção do SUS inserido no contexto socioeconômico, político, cultural e sanitário do país, especialmente, um serviço que tenha responsabilidades para com as comunidades mais vulneráveis do ponto de vista social, que são atingidas diretamente pelas iniquidades advindas desse processo de desenvolvimento.

Referências bibliográficas

ASSARÉ, P. **Triste partida.** Disponível em <http://www.amopoesias.com.br/poesia/patativa-do-assare/a-triste-partida/>. Acesso em 12 de abril de 2009, às 14h 30min

AUGUSTO, L. G. S.; MOISES, M., Conceito de ambiente e suas implicações para a saúde. **Cadernos de Textos da 1ª Conferência Nacional de Saúde Ambiental.** Brasília, 2009, 122p)

COSTA, R. E. B. **Modernização agrícola conservadora e as alterações socioespaciais no distrito de Lagoina-Quixeré (CE).** Limoeiro do Norte-CE. 2006. 74 p. Monografia do Curso de Especialização em Meio Ambiente: uma visão interdisciplinar. UECE. Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina,** São Paulo, p. 6774- 92, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas.** http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP_2009_TCU.pdf

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estados@.** Disponível em [h.http://www.ibge.com.br/estadosat/perfil.php?sigla=ce](http://www.ibge.com.br/estadosat/perfil.php?sigla=ce) Acesso em 23 de setembro de 2008, às 13h 26 min..

IPECE. Instituto de Pesquisa do Ceará. <http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2008/demografia/populacao.htm> . população. Demografia. acesso: 18/01/2010

RIGOTTO, R. M. A ideologia do desenvolvimento: ascensão, crise e horizontes de uma crença moderna. Cap 3. In:_____ **O “progresso” chegou. E agora? As tramas da (in)sustentabilidade e a sustentação simbólica do desenvolvimento.** Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.p. 74-79

_____. Desenvolvimento no semi-árido: a indústria como alternativa para o Ceará (?).Cap 8. **O “progresso” chegou. E agora? As tramas da (in)sustentabilidade e a sustentação simbólica do desenvolvimento.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004, p. 1 -38

RIGOTTO, R. M., et al. **Da primavera silenciosa às primaveras silenciadas: conflito sócio-ambientais no agronegócio da fruticultura e agrotóxicos no Baixo Jaguaribe- Ceará.** 2008. 30 p.

RIGOTTO, R. M; AUGUSTO, L. G. S. Saúde e Ambiente no Brasil: desenvolvimento, território e iniquidade social. **Cad. Saúde Pública**, v.23, suppl.4, p. S475-S485, 2007.

SABROZA, P. C.; LEAL, M. C.; BUSS, P. M. A Ética do desenvolvimento e a proteção às condições de saúde. **Cad. Saúde Pública**, v. 8, n. 1, p. 88-95, 1992.

SANTOS, A. L. **A Comunidade do Mangue do Bairro Vila Velha, Fortaleza-Ce: o território e o cotidiano vivido a partir da perspectiva dos moradores e dos profissionais do programa de saúde da família (PSF).** 2008, cap 2. 3. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce, 2008.

SANTOS, T. C. C, CÂMARA, J. B. D. **GEO Brasil 2002 – Perspectivas do Meio Ambiente no Brasil/** Brasília: edições IBAMA, 2002.